



Entre rotas e relatos: Usos pedagógicos da crônica em torno da mobilidade urbana na Cidade do México

Between Routes and Stories: Pedagogical Uses of the Chronicle Around Urban Mobility in Mexico City

Entre rutas y relatos: Usos pedagógicos de la crónica en torno a la movilidad urbana en la Ciudad de México

Victor Villarreal Cabello¹

Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM)

RESUMO

Este artigo explora o uso pedagógico da crônica no contexto universitário como alternativa ao ensaio acadêmico tradicional. Destaca-se o potencial deste gênero literário e jornalístico para desenvolver habilidades de leitura e escrita, estimular a reflexão crítica e proporcionar aos estudantes uma forma subjetiva e criativa de registrar suas experiências cotidianas relacionadas à mobilidade urbana. Fundamentado nas perspectivas críticas de Paulo Freire, Bell Hooks e Henri Lefebvre, o estudo analisa uma prática realizada com estudantes da Universidade Nacional Rosario Castellanos, na Cidade do México, onde a crônica foi empregada para revelar questões sociais, fomentar criatividade e promover resistência simbólica frente às realidades urbanas vivenciadas pelos estudantes.

Palavras-chave: Crônica; Ensino superior; Mobilidade urbana; Escrita criativa; Docência.

ABSTRACT

This article explores the pedagogical use of the chronicle genre in the university context as an alternative to the traditional academic essay. It highlights the potential of this literary and journalistic genre to develop reading and writing skills, stimulate critical reflection, and offer students a subjective and creative means of documenting their daily experiences related to urban mobility. Grounded in the critical perspectives of Paulo Freire, Bell Hooks, and Henri Lefebvre, the study analyzes an educational practice conducted with students from the Universidad Nacional Rosario Castellanos in Mexico City, where chronicles were employed to reveal social issues, foster creativity, and promote symbolic resistance in response to urban realities experienced by the students.

Keywords: Chronicle; Higher education; Urban mobility; Creative writing; Teaching.

RESUMEN

Este artículo analiza el uso pedagógico de la crónica en el contexto universitario como alternativa al ensayo académico tradicional. Se resalta el potencial de este género literario y periodístico para desarrollar habilidades de lectura y escritura, estimular la reflexión crítica y proporcionar a los estudiantes una forma subjetiva y creativa de registrar sus experiencias cotidianas relacionadas con la movilidad urbana. Basado en las perspectivas críticas de Paulo Freire, Bell Hooks y Henri Lefebvre, el estudio examina una práctica realizada con estudiantes de la Universidad Nacional Rosario Castellanos, en la Ciudad de México, en la que la crónica se utilizó para revelar problemas sociales, fomentar la creatividad y promover resistencia simbólica frente a las realidades urbanas experimentadas por los estudiantes.

Palabras clave: Crónica; Educación superior; Movilidad urbana; Escritura creativa; Docencia.

¹Doutorando pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-4559-9325>; E-mail: victor_villarreal@politicas.unam.mx.



1 Introdução

No ambiente universitário, a escrita frequentemente é restrita ao formato do ensaio acadêmico o que privilegia a argumentação distanciada das vivências cotidianas dos estudantes. Porém, há uma rica diversidade de gêneros literários que podem ser explorados pedagogicamente, oferecendo abordagens complementares e alternativas ao ensaio tradicional. Neste sentido, destaca-se a crônica como um gênero singular que transita livremente entre a literatura e o jornalismo, isto permite uma escrita mais flexível, próxima e subjetiva.

Este artigo aborda especificamente o uso pedagógico da crônica na formação universitária para explorar sua potencialidade tanto para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita quanto para a reflexão crítica sobre a realidade urbana vivida pelos estudantes. Inspirado nas perspectivas críticas de Paulo Freire e Bell Hooks, e nos conceitos de ritmo urbano propostos por Henri Lefebvre, o trabalho busca mostrar como a crônica pode funcionar não apenas como uma estratégia metodológica eficaz, mas também como um ato simbólico de resistência e afirmação de identidade.

Através da experiência prática realizada com estudantes da Universidade Nacional Rosario Castellanos, na Cidade do México, este texto exemplifica como a crônica foi incorporada às atividades pedagógicas, oferecendo aos estudantes uma oportunidade de expressar suas experiências cotidianas relacionadas à mobilidade urbana. Além disso, analisa-se como a escrita de crônica permitiu aos estudantes registrarem subjetivamente vivências, revelando questões sociais relevantes como precariedade, segurança e exclusão, ao mesmo tempo que se abriu um espaço para a criatividade e a expressão estética.

Dessa maneira, pretende-se com este trabalho discutir os benefícios e desafios da utilização da crônica como ferramenta pedagógica no ensino superior, refletindo sobre como este gênero pode ampliar as formas de expressão acadêmica, estimular a reflexão crítica e promover uma educação mais inclusiva e sensível às realidades dos estudantes.



2 Para além do ensaio: usos pedagógicos da crônica

O que é a crônica? A crônica se apresenta como um gênero de escrita complexo, diz Alfonso Reyes que "o ensaio é o centauro dos gêneros" (Villoro, 2022), enquanto a crônica "reclama um símbolo mais complexo [é] o ornitorrinco da prosa" (Villoro, 2022, s.p.²). Alguns dizem que não se pode explicar o que é a crônica (Araya Rojas, 2019, p. 121). De maneira geral, ela oscila entre a literatura e o jornalismo. Na América Latina, há grandes expoentes desse gênero, como Machado de Assis (Assis, 2015) até Carlos Monsiváis com "Escenas de Pudor y Liviandad" (Monsiváis, 2018). Ruffinelli (1987) define a crônica como: "Um gênero móvel, flexível. Uma estrutura pela qual o narrador faz parte do narrado, se compromete com o que diz, ou, então, transparecem os objetivos e as intenções de seu discurso" (Ruffinelli, 1987, p. 70).

No Brasil, o gênero foi escrito por jornalistas, poetas, contistas e romancistas, que deram uma contribuição estética e intelectual (Freitas, 2023, p. 2). A crônica é reivindicada como um espaço de jogo de continuidade (Bender; Lurtio, 1993, p. 27). Em alguns casos, a crônica caminha lado a lado com o jornal, pois é "brevidade e oportunidade da escrita jornalística de uso técnico que se acomoda às possibilidades [...]" (Monsiváis, 2006, p. 21).

A crônica tem validade na América Latina desde Bernal Díaz del Castillo, que fala sobre o encontro entre dois mundos, Juan José Hoyos e seu fim de semana com Pablo Escobar, Laura Kopouchian revisitando Borges, Frank Báez e as apresentações de Bob Dylan. É uma forma de conhecer e até criticar sociedades, identidades e estruturas, que, por sua forma "ornitorrinco", permite flexibilidade irônica, como nos textos de Memórias Póstumas de Brás Cubas. A crônica é uma ferramenta fundamental para conhecer, ler e escrever o passado, o presente e o futuro da América Latina. Conforme Monsiváis (2006):

Nem soldados nem frades se propõem a fazer história ou fazer literatura. Na sua ideia da palavra escrita, cronicar é capturar as sensações do instante, apoderar-se da essência de Cronos (o tempo narrativo), defender-se das versões dos inimigos, celebrar de modo implícito e explícito sua própria grandeza, salvar almas contra sua vontade e anunciar o Reino dos Céus (Monsiváis, 2006, p. 20).

² Sem paginação.

A crônica é importante como processo de leitura e escrita criativa, sendo um espaço de encontro (Amabile, 2020), sobretudo porque as práticas curriculares desse tipo alimentam um processo de escrita significativo (Sáber, 2023). Esse tipo de narrativa tem um poder de transformação como estratégia educacional para o entendimento da linguagem e tem um potencial de imaginação para resistir às adversidades e construir novos mundos (Freitas, 2023, p. 5).

Para os processos pedagógicos, a crônica também é uma ferramenta fundamental. Como as estratégias para ensiná-la a jornalistas, este tipo de gênero (Rotker, 2005; Escobar; Rivera, 2008; Herrscher, 2012). Em outros, foi usada como ferramenta para registrar a vida cotidiana institucional, visibilizar a subjetivação do processo de ensino-aprendizagem e, para dar um monitoramento, avaliação e modificação ao próprio processo (Pedrera; Fernández, 2011, p. 395-397). De maneira similar ao registro realizado por Freire (1987) com seus diários de aula, mas com um caráter crônico e histórico. Uma produção feita pelos professores sobre as aulas e seu cotidiano denominada crônica pedagógica (Pereyra, 2022, p. 34). Também é utilizada pelos docentes como estratégia metodológica (Vásquez, 2020, p. 6).

Embora se reconheça que dentro do processo de ensino universitário a escrita e a leitura são fundamentais para os estudantes (Iser, 1980; Gadamer, 1986; Villalobos, 2007, p. 48), também é evidente o uso do ensaio de maneira prioritária sobre outros gêneros como o romance, o conto, a poesia e o teatro como atividades de leitura e escrita. Nesse sentido, a crônica é pouco frequente no ensino (Cuesta, 2010, p. 29). Além disso, a crônica tem como propósito propiciar a construção de significados com a leitura e escrita desse tipo de texto. Ademais, a autocomposição escrita da crônica fortalece a confiança e a motivação para futuros eventos com a literatura (Cuesta, 2010, p. 25). “As crônicas, realizadas tanto por alunos quanto por docentes, são utilizadas como um recurso pedagógico muito valioso na formação universitária, pois [...] contribuem significativamente para a produção do processo de ensino-aprendizagem” (Pedrera; Fernández, 2011, p. 395).

É poderoso ensinar a partir da experiência, pois permite construir e se aproximar da página em branco de uma outra perspectiva, não apenas a partir do ensaio, mas também de outros gêneros. Pelas características flexíveis da crônica e pelo problema apresentado de



estudar "a mobilidade urbana", tanto o espaço quanto a capacidade de escrita puderam ser estimulados para a construção e sistematização de experiências empíricas que, por sua vez, representam problemas de mobilidade, distância, trânsito, uso de transportes alternativos, entre outros.

A crônica que se pretende realizar contrasta com o ensaio tradicional porque coloca ênfase no sentir, no cotidiano e no narrado. Com isso, não se pretende substituir o ensaio como forma de expressão e argumentação. Pelo contrário, propõe-se uma ampliação das formas de expressão dentro e fora da sala de aula.

3 Estratégia metodológica

O projeto foi desenvolvido junto ao corpo discente da Universidade Nacional Rosario Castellanos na Cidade do México, em uma disciplina de *ciências sociais: as relações internacionais*. Foram dois grupos de 19 e 21 alunos, respectivamente, com idades de 19 a 45 anos, de sexos e gêneros mistos. Embora a atividade tenha sido realizada por todas as pessoas, apenas algumas decidiram continuar com o desenvolvimento da crônica até formar um livro. A proposta consistiu em convidar os participantes a escrever crônicas sobre suas experiências cotidianas de mobilidade urbana na cidade. A partir de um diálogo entre os conceitos de direito à mobilidade e as formas narrativas da crônica, buscou-se fomentar um exercício de observação situada, leitura, escuta do espaço urbano e registro subjetivo da mobilidade.

Durante alguns meses, foram mantidos diários de campo e rascunhos, nos quais se documentaram emoções, obstáculos e detalhes dos trajetos cotidianos, com a intenção de aguçar sentidos como o tato, a visão, o olfato e a audição. Em seguida, cada pessoa escreveu uma crônica pessoal, na qual o foco não estava nos dados empíricos, mas na reflexão sensível sobre as condições de mobilidade e seu impacto na experiência urbana.

O professor compartilhou com os alunos uma crônica sobre o metrô e pediu que dessem uma olhada nela. Em seguida, solicitou uma ou duas páginas nas quais os alunos deveriam registrar o que estavam observando ao seu redor. A tarefa poderia ser feita de forma engraçada, mas inteligente, como o autor da crônica, ou de forma livre. O objetivo era



sair um pouco da escrita acadêmica tradicional e explorar outras formas de expressão. O professor sugeriu que fosse incluído algo visto na aula, de forma breve, mas sem forçar a barra. O principal era que os alunos fossem capazes de expressar sua experiência de mobilidade na cidade e como viviam essa realidade.

O exercício foi proposto como uma maneira de estimular os alunos a escreverem com mais liberdade e criatividade. Foi enfatizado que o processo deveria ser feito com calma, dando tempo para que cada um pensasse em algo que poderia contar para sua mãe, seu melhor amigo ou sua namorada, uma boa história ou algo interessante que tivesse acontecido.

Na aula, foi promovida a leitura de cronistas latino-americanos para diferenciar esse gênero da escrita de ensaios acadêmicos. Na maioria dos casos, a proposta foi recebida com ampla aceitação, sendo a intenção criar textos breves e potentes. Os textos seriam escritos e revisados várias vezes pelos alunos e pelo corpo docente, com a intenção de criticar e submeter à discussão os textos elaborados. Com produções escritas complexas, buscou-se a publicação das crônicas em uma antologia intitulada "*O Direito à Mobilidade na Cidade do México*" pelo seu título traduzido em português, ou pelo seu título em espanhol "*El Derecho a la Movilidad en la Ciudad de México*", publicada pela Editorial *Iguales Revista* (Cabello, 2025).

O processo de ensino da crônica, escrita, revisão, correção, publicação e apresentação do livro tem um período de fevereiro de 2023 a maio de 2025. Durante esse tempo, os alunos foram envolvidos na organização, edição, reedição, apresentação e gestão de espaços para a apresentação de seu trabalho escrito. Nesse contexto, este artigo apresenta a importância da crônica escrita pelos alunos como ferramenta nos processos pedagógicos para o desenvolvimento da prática de leitura e escrita. Além disso, algumas notas do docente como parte do seu diário de aula e o resultado de alguns fragmentos do livro como produto desses exercícios.



4 Narrar o trajeto: A crônica como prática pedagógica sobre mobilidade na Cidade do México

Foram produzidas 40 crônicas, das quais se continuou trabalhando com 14 por mais de um ano de forma voluntária, presencial e remota, realizando a correção e modificação dos textos. Contou-se com a ajuda de um revisor externo e com o corpo revisor de uma editora. Durante esse período, o docente escreveu um diário de aula que corresponde ao período de 21 de fevereiro de 2023 a 19 de julho de 2023.

Durante os meses em que mantive meu diário de aula, a intenção de produzir e se aproximar da crônica como gênero foi quase espontânea. Mas surgiu das inquietações dos alunos, de suas perguntas, de seus comentários e da curiosidade. Tentei que meus registros fossem cotidianos, e em algumas ocasiões consegui retomar a essência da crônica, como o registro do dia 8 de março de 2023:

[...] O trabalho final do semestre versa sobre a mobilidade nas cidades como uma questão local e global que tem repercussões temporais e espaciais que dizem respeito à cotidianidade dos cidadãos. Estivemos discutindo como entregar o trabalho final, A. do grupo 203 perguntou se existiam outras formas que não fossem o ensaio para a escola. Isso me trouxe à mente alguns vídeos sobre filósofos que se queixam do uso excessivo do ensaio para se expressar na academia. Respondi que existem a fábula, a poesia, os contos, o romance histórico e outras tantas formas que às vezes podem exemplificar de forma rigorosa problemas sociais e culturais da atualidade. Do grupo 201, M. me comentou algo semelhante, mas mais na forma de reclamação, e seu desejo de que houvesse outras leituras para a escola, o que me trouxe uma ideia: buscar outros gêneros para apresentá-los na aula.

Também foi registrada uma influência externa à aula, que foi a casualidade das minhas leituras cotidianas. Naqueles anos, a leitura de Carlos Monsiváis foi fervorosa e quase exauriu sua produção existente. Isso influenciou muito minhas aulas e o produto dessa prática docente, sobretudo o livro "A vocês les consta" publicado em 2006, que é uma antologia que conta com uma introdução que trata da importância da crônica no México. Seu caráter histórico, crítico e flexível me motivou a apresentar essa forma de expressão diante

de minhas aulas. A proposta foi bem recebida, como registrado em meu diário no dia 12 de maio de 2023.

Dei-lhes ler o texto 'Sobre o Metro, as Coroas de Monsiváis' [...] disseram que gostaram muito, porque era fácil de ler e que eram coisas que ainda se viviam. Ainda tenho a sensação de que talvez não fique tão claro o que é uma crônica. Como se ensina a escrever crônica? Uma vez vi uma entrevista em que Octavio Paz dizia que Monsiváis era um gênero próprio, que nem sequer era crônica. Ainda não sei se devo apresentar algo de López Colomé, Gonzáles Gamio ou Jorge Pedro Uribe Llamas para mostrar exemplos mais atuais.

O resultado de meses revisando de forma breve alguns textos de crônica, lendo algumas coisas em voz alta, apresentando exemplos rápidos sobre como esse gênero poderia ser escrito, deu frutos. Ensinou-se a análise, a leitura e a reflexão sobre outros cronistas. Ainda está pendente desenvolver mais do que um método de ensino de crônica, o uso dessas ferramentas dentro das aulas de forma cotidiana e validada pelas instituições para abrir a oportunidade para outras narrativas e outras formas de expressão dentro da universidade.

Quadro 1 - Autores e crônicas de “El Derecho a la Movilidad en la Ciudad de México”

Autor	Texto
Luz Ariel Mendoza Hernández	O terror da mobilidade
Rey Sebastián Molina	Meu cavalo velho
Nadia Esteban Trejo	Mobilidade urbana: 'Crônica de uma viagem'
Keren Hernández López	O transporte na cidade
Carlos Francisco Olmedo Pantaléon	O percurso
Hazel Ainly Hernández Montoya	Minha mobilidade
Adonay Gabriel Ocampo Roas	Sistema de Transporte Coletivo
Karla Dhamar Flores Pérez	A mobilidade na Cidade do México
Carlos Alejandro Telez Tenorio	Uma breve história da mobilidade urbana
Denise Martínez Carmen	A travessia
Melanie Bautista Ortiz	A mobilidade
Mónica Diana Ramírez Cortés	Quão complicada é a vida no transporte público da Cidade do México
Samantha Abigail Márquez Hernández	Mobilidade coquette?
Mikel Ehezcatzin Velázquez Alonso	A crise da mobilidade nas cidades

Fonte: Elaboração e tradução própria (2025).

A crônica de Luz Aricel Mendoza Hernández (2025) descreve uma mobilidade distante de uma estudante que vem do estado de Hidalgo até a Cidade do México. Seu texto



reflete um sistema de transporte coletivo sobrecarregado, entre o caos e a incapacidade física de fazer com que mais pessoas caibam em um vagão do metrô. Além disso, expressa em uma pós-escrito emoções como o medo: “O tema da mobilidade sempre traz consigo muitos conflitos, cada vez mais pessoas utilizam o carro próprio ou, na falta dele, o transporte público, no entanto, o trânsito nunca acaba, pelo contrário, só aumenta. Ps. Já não me empurrem no metrô, às vezes dá medo” (Hernández, 2025, p. 21).

Outros estudantes, como Rey Sebastián Molina (2025), optaram por utilizar metáforas para falar sobre a falta de manutenção e criticar a infraestrutura atual do transporte público na Cidade do México, com a expressão "meu velho cavalo", que vem da canção "Mi caballo viejo" de Roberto Torres. Em um jogo entre a metáfora, a crítica e a rima musical de canções que ainda soam nas ruas, o autor propõe uma forma espontânea e fresca de apresentar sua crítica.

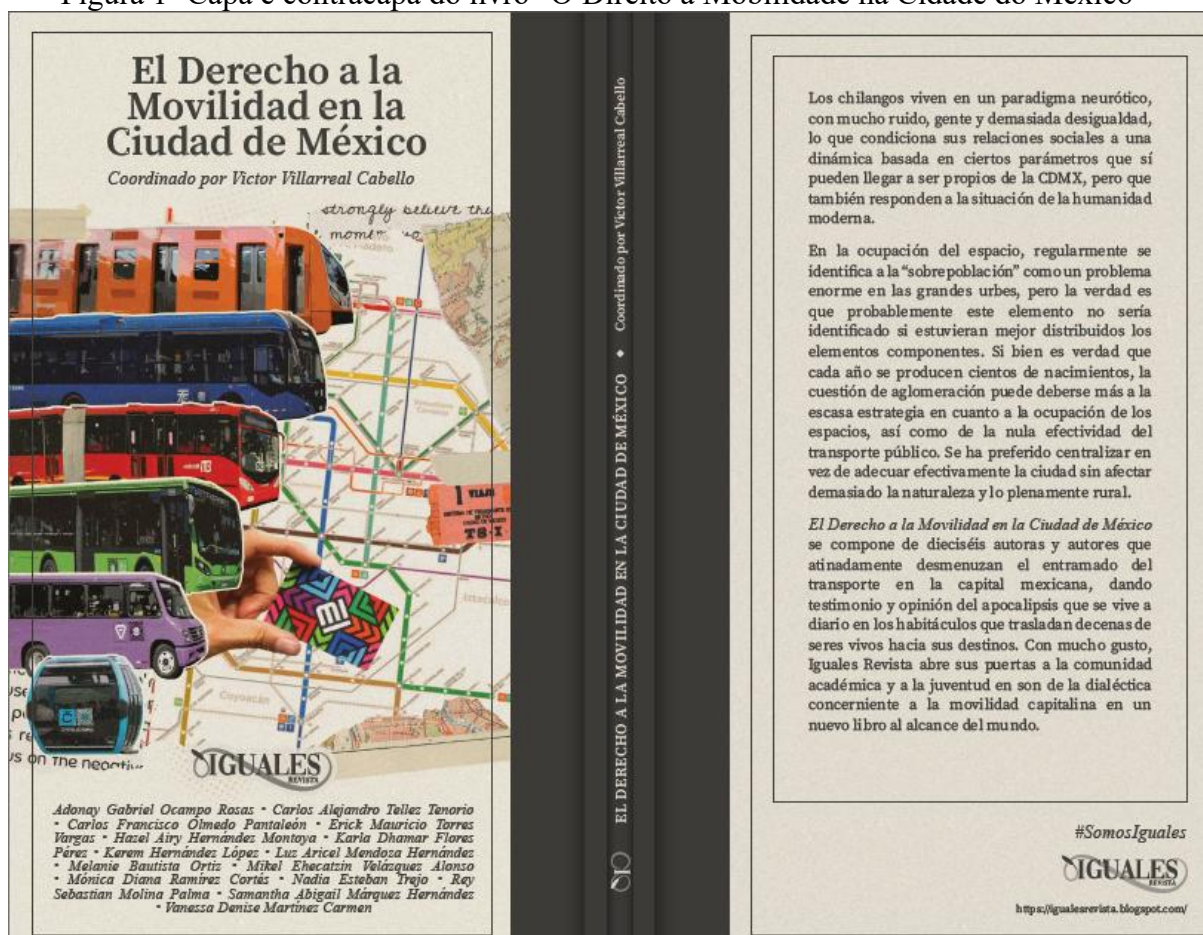
Estando em pé, decido tocar o sino desse velho cavalo uma última vez para descer e continuar com meu destino, enquanto o motorista escuta cumbias em volume alto, com a intenção de alegrar o dia de todos os passageiros a bordo. Foi assim que decidi descer do ônibus ainda em movimento, que aos poucos vai parando seu galope para que eu possa descer e, dessa forma, terminar minha última aventura nesse velho e descuidado ônibus (Molina, 2025, p. 26-27).

A crônica estudantil também se misturou com metáforas e neologismos utilizados nas redes sociais e no cotidiano dos habitantes da Cidade do México. Por exemplo, no caso do texto "Mobilidade *coquette*", que explica a moda *coquette* e formula uma pergunta: Como é levar moda *coquette* no transporte público? questionando como a roupa e o transporte negociam ou debatem as formas de representação em contextos em que a vulnerabilidade, o conforto, o gênero e a espacialidade são fundamentais. (Márquez-Hernández, 2025, p. 60), “[...] a moda ou o estilo "coquette", que faz referência a um estilo muito feminino, ligando-o a rendas, babados, cores pastéis, fitas, laços e acessórios delicados. Mas como é levar esse estilo diário no transporte público? [...]”.

Ao terminar os exercícios e analisá-los, a pergunta foi: "E agora, o que vem a seguir?". A intenção não era produzir textos longos e robustos de corte acadêmico, mas algo mais próximo da experiência vivida, narrada e sentida. Como professor, deixei de dar aulas para esses grupos e perdemos continuidade, mas não o contato, pois a inquietação de buscar

um espaço para publicação continuou. Voltei a vê-los um semestre depois, revisamos novamente os textos e continuamos em busca de espaços para publicação. Buscamos durante vários meses financiamento para poder imprimir o livro, até mesmo apoio institucional para poder publicá-lo fisicamente. Até que, quase um ano depois, conseguimos propor à Iguales Revista a publicação do livro. A proposta foi bem recebida, mas precisaria de várias revisões e ficaria alguns meses no forno editorial antes de ser lançada ao público. Finalmente, no dia 5 de fevereiro de 2025, o livro foi lançado ao público e terá apresentações para um público escolar nos próximos meses. O livro foi um resultado coletivo que emerge das inquietações dos estudantes em conhecer formas de escrita além do ensaio acadêmico.

Figura 1- Capa e contracapa do livro "O Direito à Mobilidade na Cidade do México"



Fonte: Cabello (2025).



A vivência em sala evidenciou que a crônica permite um deslocamento epistemológico no relato da mobilidade. As pessoas envolvidas deixaram de ser apenas usuárias de um sistema de transporte para se tornarem narradoras de uma cidade em movimento. Entre as respostas, surgiram crônicas de denúncia sobre precariedade e segurança, bem como expressões estéticas. Também emergiram encontros, paisagens, afetos e contradições que compõem a vida urbana na Cidade do México.

A prática da crônica demonstrou ser potente para a formação social e crítica, articulando vivências individuais com reflexões sobre a mobilidade urbana, a acessibilidade, a exclusão territorial e a desigualdade. Diversos textos também revelaram expressões de resistência e de reinvenção dos espaços urbanos, o que confirma o potencial da escrita para produzir conhecimento situado.

As sensações descritas pelas crônicas, como a compressão do corpo no metrô, os ritmos de aprisionamento na cidade ou os espaços sem pausa, fazem eco em Lefebvre (2016, p. 207) quando fala dos ritmos urbanos. Quando os estudantes narram suas experiências de mobilidade, a prática se alinha com a pedagogia freiriana, que valoriza o saber vivido como ponto de partida para a aprendizagem libertadora (Freire, 2022, p. 15). Quando o cotidiano é tematizado, ele se transforma em conteúdo educativo. A escrita de crônicas também pode ser lida como um gesto de resistência em dois sentidos. Em primeiro lugar, as pessoas marcam seus lugares no espaço urbano, subjetivam, essencializam e produzem identidade (Hooks, 1994, p. 78). Em segundo lugar, afirma-se que ensinar é um ato político e que toda pedagogia crítica precisa ouvir e reconhecer outras vozes (Hooks, 1994, p. 8).

5 Considerações finais

Como docente, aprendi muito sobre outras formas de elaborar textos. A leitura de outros materiais, não indexados, mas de caráter literário ou jornalístico, me convidou a ser mais atento à forma como observo outros textos. A leitura foi mais atenta, não apenas de livros, mas também das minhas aulas. As necessidades e solicitações dos alunos estão sempre ali, e para mim foi muito gratificante levar essa atividade além de uma única aula, tornando-a um projeto mais ambicioso. Na minha forma de ensinar, abriu-se um espaço de



flexibilidade para modificar a forma como os conteúdos são apresentados quando o grupo requer, o que me permitiu ter planos de estudo planejados desde o início, mas que podem ser modificados quanto às leituras, formas de apresentar o conteúdo ou workshops curtos.

Acredito que o exercício poderia ser replicado principalmente com estudantes de ciências sociais ou quando a matéria abordar esse tema. A intenção de escrever textos breves agrada os alunos, não apenas pela extensão, mas porque não os obriga a preencher uma página em branco. Se o exercício precisar ser replicado, considero que primeiro se deve começar explicando o que é uma crônica, talvez não teorizando ou fazendo análise de parágrafo por parágrafo. Acredito que a leitura e a escuta de outras crônicas ajudaram muito os alunos a compreenderem o que é uma crônica, ao ponto de que cada um deles expressou parte de suas preocupações e personalidade no texto.

Para futuros textos, pode-se investigar: Qual foi o impacto desse tipo de texto no processo de ensino do aluno? Quais são os objetivos de usar outros tipos de gêneros nas universidades que não sejam o ensaio? Qual tem sido o papel da crônica nas pesquisas pedagógicas? Quais são os limites, alcances e possibilidades da crônica para os alunos e para o corpo docente?

O uso da crônica no ensino superior, especialmente em disciplinas que dialogam com temas urbanos e sociais, permite aproximar teoria e experiência. Mais do que um gênero literário, a crônica se apresenta como ferramenta pedagógica que estimula a escuta, a observação e a escrita como formas de intervir no mundo.

Promover a escuta das vozes discentes, seus trajetos, desconfortos e percepções confirma que a pedagogia pode, e deve ser também um espaço de narrativa e de implicação subjetiva. A cidade narrada não é apenas uma abstração estatística: é um território vivido, questionado e reinventado pela escrita.

Referências

ARAYA-ROJAS, Andrey. La crónica en profundidad entre el hacer y la enseñanza del hacer: análisis de tres propuestas de curso. **Teoría y Praxis: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, ano 17, n. 35, p. 119-129, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5377/typ.v1i35.14650>. Acesso em: 18 abr. 2025.



ASSIS, Joaquim Machado de. **Crônicas de Machado de Assis - Obras Completas**. São Paulo: LL Library, 2015.

BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica: história, teoria e prática**. Editora Scipione Ltda: São Paulo, 1993.

CABELLO, Victor Villarreal (Coord.). **El Derecho a la Movilidad en la Ciudad de México**. México: Iguales Revista, 2025. Disponível em: <https://doi.10.13140/RG.2.2.11356.30089>. Acesso em: 18 abr. 2025.

CUESTA C., Cecilia. La crónica literaria en el aula universitaria: una experiencia pedagógica. **Legenda**, v. 13, n. 11, p. 25-37, 2010. Disponível em: <http://erevistas.saber.ula.ve/index.php/legenda/article/view/1131/1087>. Acesso em: 18 abr. 2025.

ESCOBAR, Froilan; RIVERA, Ernesto. (Ed.). **Crónicas Latinoamericanas: periodismo al límite**. San José, Costa Rica: Editorial Fe, Fundación Educativa San Judas Tadeo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **La educación como práctica de la libertad**. 3. ed. México: Siglo Veintiuno, 2022.

FREITAS, Ítala Clay de Oliveira. A crônica no ensino superior: estudos sobre escrita criativa. In: SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 21., 2023, Manaus. **Anais [...]**. Manaus, 2023. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/xxi-seinpe-anais/trabalho/298621>. Acesso em: 18 abr. 2025.

GADAMER, Hans Georg. **Philosophical Hermeneutics**. Berkeley: University of California Press, 1986.

HERNÁNDEZ, Luz Aricel Mendoza. El terror de la movilidad. In: CABELLO, Victor Villarreal (Coord.). **El Derecho a la Movilidad en la Ciudad de México**. México: Iguales Revista, 2025. p. 18-21.

HERRSCHER, Roberto. **Periodismo narrativo: cómo contar la realidad con las armas de la literatura**. 4. ed. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2012. Disponível em: <http://www.publicacions.ub.edu/ficha.aspx?cod=07677>. Acesso em: 18 abr. 2025.

HOOKS, Bell. **Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom**. New York: Routledge, 1994. Disponível em: <https://academictrap.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/bell-hooks-teaching-to-transgress.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.



ISER, Wolfgang. **The act of reading: a theory of aesthetic response**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. 1. ed. España: Capital Swing, 2016. Disponível em: <https://istoriamundial.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/06/henri-lefebvre-la-produccion-del-espacio.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MÁRQUEZ-HERNÁNDEZ, Samantha Abigail. ¿Molividad Coquette? *In*: CABELLO, Victor Villarreal (Coord.). **El derecho a la movilidad en la Ciudad de México**. México: Iguales Revista, 2025. p. 60-63.

MOLINA, Rey Sebastián. Mi caballo viejo. *In*: CABELLO, Victor Villarreal (Coord.). **El derecho a la movilidad en la Ciudad de México**. México: Iguales Revista, 2025. p. 22-27.

MONSIVÁIS, Carlos. **A ustedes les consta**. 2 de. México: Era, 2006.

MONSIVÁIS, Carlos. **Escenas de Pudor y Livianidad**. 2. ed. México: Debolsillo, 2018.

PEDERNERA, Silvina; FERNÁNDEZ, Marina. Las crónicas en el aula de la facultad: un recurso pedagógico que visibiliza la subjetivación del proceso de enseñanza aprendizaje. JORNADAS DE INVESTIGACIÓN SÉPTIMO ENCUENTRO DE INVESTIGADORES EN PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR, 18., Buenos Aires, 2011. **Anais [...]**. Buenos Aires, 2011. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-052/512>. Acesso em: 18 abr. 2025.

PEREYRA, Alicia Esther (Coord.). **Experiencia y reflexión: escritura de crónicas pedagógicas**. Argentina: Autores de Argentina, 2022. Disponível em: <https://rea.unpa.edu.ar/bitstream/handle/123456789/2372/Experiencia%20y%20reflexión.%20Escritura%20de%20crónicas%20pedagógicas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 abr. 2025.

ROTKER, Susana. **La invención de la crónica**. México: Fundación para un Nuevo Periodismo Iberoamericano, 2005.

RUFFINELLI, Jorge. La crónica como práctica narrativa en México. **Hispanic Journal**, v. 2, n. 8, p. 67-77, 1987.

SÁBER, Rogério Lobo. Escrita criativa como prática curricular criativa para o ensino-aprendizagem de língua materna na universidade contemporânea. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 60, p. 1-16, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n64.22518>. Acesso em: 18 abr. 2025.

VÁSQUEZ, Santiago Ejalde. **Un camino de opacidad: La apariencia y la verdad del Trastorno del Espectro Autista de Nivel 1 en el contexto universitario**. [BA Educação Especial]. Colombia: Universidad de Antioquia, 2020. Disponível em:



<https://bibliotecadigital.udea.edu.co/server/api/core/bitstreams/a8771e0f-53bf-4ea8-acfa-7d9ed7258db5/content>. Acesso em: 18 abr. 2025.

VILLALOBOS, José. **La lectura y la escritura como herramientas para el desarrollo del conocimiento y aprendizaje**. Mérida, Venezuela: Publicaciones del Vicerrectorado Académico, 2007.

VILLORO, Juan. Juan Villoro: La crónica, ornitorrinco de la prosa. **Fundación Gabo**, sep., 2022. Disponível em: <https://premioggm.org/noticias/2022/09/juan-villoro-la-cronica-ornitorrinco-de-la-prosa/>. Acesso em: 18 abr. 2025.